

Boletim Número 77

Data: Outubro-Novembro-Dezembro/2017

EDITORIAL

O Boletim nº 77 oferece ao público leitor, nas colunas Em Foco, um balanço dos principais acontecimentos políticos ocorridos na América Latina no quarto trimestre de 2017. O primeiro artigo da referida coluna versa sobre a ilegitimidade e a plasticidade de Michel Temer, a corrupção que sustenta seu governo, e a necessidade de resistência. Além de indicar a importância de passadas que podem “iluminar” a reação da população apesar da atual apatia perante a destruição gradual do país. O segundo artigo traz uma crítica feita pelo próprio Fundo Monetário Internacional (FMI) acerca da expansão dos empregos na Espanha após a reforma trabalhista. Empregos temporários, precários e, em sua maioria, fora da área produtiva, expõem uma tendência internacional do capital contemporâneo, a qual explicita o ocaso das reformas trabalhistas propostas e as condições gerais do mundo do trabalho. O terceiro texto relembra o amor que moveu Che Guevara a se tornar um revolucionário e a abraçar a causa dos oprimidos e da América Latina, apontando seu legado (no ano em que completa 50 anos de sua morte) como possível caminho para os que persistem na luta. O quarto artigo denuncia a imensa quantidade de lixo que tomou conta do Mar do Caribe atingindo a população que mora em áreas próximas, e revela um “jogo de empurra” entre Honduras e Guatemala acerca da responsabilidade pelo lixo derramado e pelos objetos que já chegam às praias. E, por fim, uma notícia sobre a crise reaberta no governo do Peruano Pedro Pablo Kuczynski após a concessão de “indulto humanitário” a Alberto Fujimori. Cerca de 5 mil peruanos, incluindo familiares de assassinados pelo governo de Fujimori, saíram às ruas para protestar.

Destacaremos na coluna Espaço Aberto a criminalização do pobre e a permanência do pensamento social punitivista nas práticas cotidianas, reproduzido enquanto discurso midiático que legitima o extermínio e revela o ocaso da política de segurança pública adotada no Estado do Rio de Janeiro. Tais inquietações (que estabelecem um diálogo sobre o extermínio da juventude negra no trimestre em que se celebra o 20 de novembro) são abordadas no artigo de Tiago Henrique Crispim Salvador, graduado em História pela UNESA; graduado em Ciências Sociais pela UERJ; mestrando em Ciências Sociais pelo PPCIS- UERJ; e Bolsista EIC do Programa de Estudos de América Latina e Caribe (PROEALC).

Registramos, ainda, que neste número o leitor encontrará uma agenda de eventos e indicações sobre lançamentos de livros com temas afins à linha editorial deste boletim. Que venha 2018 com muita energia para encarmos os combates coletivos e as lutas cotidianas.

Boa leitura,

Profa. Dra. Silene de Moraes Freire
Coordenadora do PROEALC/CCS/UERJ

Dra. Larissa Costa Murad
Pesquisadora do PROEALC/CCS/UERJ

Em Foco I

A destruição do Brasil e a tarefa de reconstruí-lo

Por: Roberto Amaral
25/10/2017

As forças populares e democráticas precisam perceber a exigência histórica da resistência

Como explicar, em uma democracia representativa – ainda que autoritária desde o nascimento, como a nossa – a sustentabilidade de um presidente da República rejeitado por 97% da população, ineditismo que se agrava sabendo-se que esse "chefe da nação", sem um só voto popular, assumiu o Executivo a bordo de um golpe de Estado, urdido entre o Poder Legislativo e o STF, e do qual foi um dos pilotos?

Um golpe que, fundado na felonía, teve como principal executante o pluridelinquente Eduardo Cunha, hoje hóspede do sistema penitenciário do Paraná. Um golpe, sabe-se agora, regado a muito dinheiro posto nas mãos do então presidente da Câmara dos Deputados para o milagre da multiplicação dos votos a favor do impeachment da presidente da República.

Absolutamente carente de representatividade e de legitimidade, reiteradamente acusado de corrupção, o investigado Michel Temer preside um governo obsessivamente antinacional e antipopular, que sobrevive mediante a compra despuorida de parlamentares a cada votação crucial, como esta última que o está blindando, a ele e à sua grei, de mais um processo no qual é acusado pelo Ministério Público Federal de chefiar uma quadrilha especializada no assalto ao erário, na corrupção ativa, na chantagem, no achaque.

Seus companheiros de truz, uns ainda lhe fazem companhia no terceiro andar do Palácio do Planalto, como Moreira Franco e Eliseu Padilha; outros, como Geddel Vieira Lima (o homem dos 51 milhões de reais) e Henrique Eduardo Alves, observam prisões temporárias, enquanto o ex-deputado Rocha Loures (o "homem da mala") e o advogado José Yunes, entre muitos outros, permanecem à solta.

Segundo o *Estadão* (25.10.17), jornal que o apoia, o custo da rejeição, pela Câmara dos Deputados, da denúncia contra o presidente e seus auxiliares Moreira e Padilha custou ao país a bagatela de 32 bilhões de reais.

Michel Elias Temer, o antigo "homem do Porto de Santos", comanda hoje um projeto que contraria o ditado das eleições de 2014 (nas quais não teve um só voto, lembre-se sempre), obcecado em desconstruir o país, em entregar o petróleo do pré-sal, em maltratar seu povo, em perseguir os trabalhadores e os pensionistas, em destruir a economia (vítima de impiedosa recessão), em reduzir a pó nossa soberania, destruir o meio ambiente, dizimar o que ainda resta de populações indígenas e roubar nosso futuro, destruindo a Universidade, o ensino público, a pesquisa em ciência, tecnologia e inovação, para que retornemos às primeiras décadas do século passado, como orgulhosa economia agroexportadora.

E, diante de todo esse descalabro, em desafio aos exegetas, as ruas estão vazias, as universidades em silêncio, as fábricas funcionando normalmente, o campo em paz.

Anacronicamente reacionário, o governo de Temer *et caterva* é regressivo nos costumes e repulsivo na política, disposto a qualquer negócio, com o 'mercado' ou com delinquentes como os irmãos Batistas (com os quais esteve associado), ou com essas figuras miúdas, mas muito sabidas, que constituem o 'baixo-clero' do Congresso, insaciável Moloch no pleito de prebendas. Trata-se de governo, vá lá o nome, a serviço das bancadas que comandam o atraso, a famosa aliança dos quatro B: a bancada da **b**ala, a bancada do **b**oi (leia-se latifundiários e grileiros), a bancada dos **b**anqueiros e, finalmente, a bancada da **b**íblia, formada majoritariamente pelo que há de mais atrasado no fundamentalismo neopentecostal.

Não que Michel Temer seja, necessariamente, reacionário: não se trata de discutir seu caráter ideológico, de que carece, pois, como o líquido, adapta-se facilmente ao recipiente no qual é despejado.

Este governo que nos humilha -- desde sua origem ilegítimo --, caminha na contramão dos desejos e das necessidades do país e de seu povo, que o repudia. E, no entanto, parece inabalável no posto que usurpou, pois tem a sustentá-lo um Congresso abastardado, um Poder Judiciário cúmplice, uma mídia monopolizada, e, acima de tudo, o poder do sistema financeiro nacional-internacional. É o governo da avenida Paulista, dos rentistas e dos sonegadores. Trata-se, pois, de uma ordem político-governamental que precisa ser detida para que o país seja salvo – enquanto pode ser salvo, enquanto os estragos de hoje podem ser corrigidos. Não se trata, pois, de trocar seis por meia dúzia, Temer por Maia ou Joaquim ou Manuel, mas de fazer avançar uma nova correlação de forças, com base popular, fortemente apoiada pelos trabalhadores, e comprometida com a democracia, com o desenvolvimento e os interesses nacionais.

Nosso adversário fundamental, ponto de partida para definição dos campos políticos, é o projeto antinacional e antipopular desse governo de classe, a serviço de uma casa-grande pervertida. O qual, embora impopular, diria mesmo que intencionalmente impopular, não dá mostras de exaustão, e a cada disputa no Congresso – como essa última votação do pedido do STF de licença para processar o presidente acusado de chefiar uma quadrilha – vem a lume anunciar mais atraso, mais regressão. Desta feita, proclama que todas as suas forças, que não são poucas, estarão – rejeitado o pedido de licença para processar o ainda presidente-- voltadas para a aprovação das emendas que destruirão a previdência social, depois de reduzir os direitos trabalhistas, criar 15 milhões de desempregados e praticamente legalizar o trabalho em condições de escravidão, em pleno Terceiro milênio, para pagar a fatura cobrada pelos ruralistas como paga pelo serviço prestado na garantia, com seus mais de 200 votos na Câmara dos Deputados, da blindagem do mandatário. Nada obstante tudo isso, repito, parece que o grito das ruas silenciou, quando mais fortes e objetivos são os motivos justificadores e estimuladores da mobilização popular.

Como explicar o absenteísmo e a indiferença das ruas, notadamente dos trabalhadores e daqueles mais diretamente atingidos pela razia reacionária, quando o quadro político está a reclamar a intervenção das massas?

O processo histórico cobra-nos uma reflexão. Talvez tenhamos mesmo de fazer autocrítica, porque sabemos que nenhum processo social, dentro de toda normalidade institucional, como é nosso projeto, sobrevive sem a participação ativa dos trabalhadores do campo e das cidades, aos quais se juntam os intelectuais orgânicos, os estudantes e o movimento social de um modo geral.

Nos termos de hoje, é preciso olhar para trás (relembremos: a História passada ilumina o futuro) para aprender com as grandes mobilizações populares do pretérito, e nenhuma é tão exemplar quanto a campanha das *Diretas Já*, a que devemos, em condições bem mais adversas das de hoje, a implosão do Colégio Eleitoral da ditadura, que, montado para consagrar Paulo Maluf, elegeu Tancredo Neves e abriu caminho -- apesar da tragédia da morte do ex-governador de Minas Gerais, e a consequente posse de José Sarney --, para a redemocratização e o pacto de que resultaram a Constituinte e a Carta democrática de 1988. O sucesso político das *Diretas* deriva do 'milagre' da política de frente ampla que, superando os partidos e seus personagens, e suas querelas, e seus projetos particulares, unificou o povo e a nação em torno do fundamental naquela altura, luta pela a redemocratização.

O País perdeu a votação no Congresso com a rejeição da emenda Dante de Oliveira, mas ganhou a luta política pela redemocratização, como antes ganhara, também politicamente, o pleito pela Anistia. Com essa perspectiva é que as forças populares e democráticas, caminhando para além dos limites de nossos partidos e da esquerda brasileira, devem interpretar a exigência histórica da resistência, passo essencial para a eventualidade das eleições de 2018, pelas quais devemos lutar, e estamos lutando, mas sem jamais esquecermos de que elas, nada obstante necessárias, não constituem um fim em si mesmas nem encerram todo o projeto, mas constituem um momento, importantíssimo, certamente indispensável, de reconquista do espaço perdido, na política e na sociedade, na institucionalidade e no movimento social. Em outras palavras, é fundamental agir em sintonia com a convicção de que o projeto eleitoral, legítimo, não pode sobrepor-se ao político, que a tática deve ser, sempre, uma servidora da estratégia, a saber, a construção de uma nova sociedade, ou, pelo menos, a possibilidade de construir, nos escombros do *statu quo*, os alicerces de um novo tempo.

O poeta viajou - Meu abraço à família de Marcus Accioly.

Link: <https://www.cartacapital.com.br/politica/a-destruicao-do-brasil-e-a-tarefa-de-reconstrui-lo>

Em Foco II

FMI critica a expansão do emprego de baixa qualidade pós-reforma trabalhista na Espanha - Mercado de trabalho teve forte recuperação, mas a maioria dos empregos ainda são precários

Por Antonio Maqueda
08/10/2017

O Fundo Monetário Internacional (FMI) reconhece que o mercado de trabalho da Espanha experimentou uma forte recuperação, impulsionado pela "moderação salarial" (ou seja, salários menores), a retomada da competitividade externa e a reforma trabalhista — que inspirou o Governo de Michel Temer no Brasil, segundo o próprio mandatário admitiu. Em seu relatório anual sobre a economia espanhola publicado na sexta-feira, entretanto, o órgão coloca um importantíssimo 'mas' nessa melhora: "Foi conduzida predominantemente por uma expansão do emprego de baixa produtividade". Em conclusão, o FMI não observa uma mudança de modelo no mercado de trabalho.

"Boa parte do crescimento criado foi em setores de baixa qualificação e baixa produtividade, onde os incentivos para se investir nos trabalhadores são baixos", afirma a instituição baseada em Washington no chamado Artigo IV, um estudo anual que o Fundo faz de todos os países a partir das visitas de suas equipes.

Em um trecho em que analisa o mercado de trabalho, o FMI explica que a criação de emprego obedece, em boa parte, a um movimento de um setor de baixa produtividade a outros. Ou seja, quase metade do emprego destruído na crise pertencia à construção, cujos trabalhadores têm baixos níveis de formação. E nesses momentos, segundo argumenta o Fundo, a maioria dos postos de trabalho se encontra no comércio, na hotelaria e outros setores relacionados ao turismo, serviços de baixo valor agregado, atividades administrativas e setor público, todos eles com produtividade mais baixa.

O FMI admite que existem crescimentos de emprego significativos em setores mais produtivos como a comunicação e alguns tipos de indústria. Mas em termos de quantidade representam muito pouco e se concentram mais em um território: Madri.

De acordo com os números do órgão, 6% do emprego criado durante a recuperação corresponde estritamente ao ramo do turismo, isso é, transporte aéreo, alojamento, serviços de agências e operadores de viagens. Mas esse número sobe para um de cada quatro empregos criados se forem levadas em consideração todas as atividades relacionadas ao turismo incluindo hotelaria. Outra quarta parte da ocupação gerada está ligada a atividades administrativas e profissionais. E 14% foram contratações no setor público. Mas todos esses fatores têm uma produtividade abaixo da média da economia, afirma o Fundo.

Por sua vez, os setores mais produtivos são menores. Comunicação e atividades imobiliárias projetam mais produtividade e crescem fortemente. Mas equivalem a somente 3,5% de todo o emprego. Também sobe a ocupação em consultoria, serviços profissionais qualificados e atividades científicas e técnicas. Mas, como explica o Fundo, todas essas áreas juntas só abarcam 2% do total do trabalho.

O FMI corrobora um estudo com conclusões muito parecidas divulgado pelo Banco da Espanha na semana passada. Nele se constatava que o padrão de crescimento do emprego era "novamente, muito semelhante" ao do ciclo expansivo anterior. A instituição presidida por Luis Linde detectou que existia um transpasso de mão de obra pouco qualificada da construção à hotelaria. E acrescentou: "Diante da possibilidade de que a hotelaria e a construção se aproximem de seus limites de criação de postos de trabalho em um futuro próximo, parece necessária a busca de fórmulas para expandir as oportunidades de trabalho dos desempregados com menor formação".

Por outro lado, o FMI considera que a Espanha tem um problema porque muitos dos postos criados não estão relacionados às habilidades e conhecimentos dos trabalhadores. "Ainda que a força de trabalho espanhola esteja melhorando sua formação, o grosso do novo emprego está em áreas com menores exigências de habilidades, baseadas em tarefas rotineiras e de serviços. Muitos desses trabalhos foram ocupados por

peças com maior formação, enquanto os menos qualificados têm dificuldades em encontrar emprego”, afirma.

Ou, o que é a mesma coisa, existe muita gente superqualificada para seu desempenho. Em parte, porque a Espanha oferece menos trabalhos de alta qualificação do que a média dos outros países europeus. Mas também porque a população que recebeu formação profissional para tarefas de qualificação intermediária é muito menor. Como descreve o Fundo, a Espanha possui mais universitários e pessoas de baixa formação do que a média europeia. Mas tem uma proporção muito menor de formados em áreas técnicas profissionais. E isso produz dinâmicas perversas: enquanto os superqualificados sofrem de falta de motivação, os pouco formados têm dificuldades em entrar no mercado de trabalho.

A RECEITA CLÁSSICA PARA COMBATER A TEMPORALIDADE

O FMI afirma que metade do emprego criado com a recuperação foi temporário. E esse uso da temporalidade foi generalizado. O Fundo destaca que é mais numerosa na construção, alguns serviços e no setor público, especialmente no sistema de saúde. Por outro lado, tende-se a contratar mais trabalhadores fixos nas atividades profissionais e técnicas, na comunicação e, paradoxalmente, no turismo apesar de seu caráter sazonal. De modo que o Fundo indica que as perspectivas de crescimento do setor influem muito. Para combater a temporalidade, o FMI recomenda a implementação do contrato único ou do modelo austríaco (sistema de indenização no caso de demissão adotado na Áustria).

Link: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/07/economia/1507394417_410453.html

Em Foco III

50 anos da morte de Che Guevara

Por Elaine Tavares
09/10/2017

Che: um homem movido pelo amor

Sempre que se fala em Che Guevara a primeira coisa que vem a mente é a imagem do soldado, do revolucionário. Essa era uma das facetas do Che. Mas não a única. Desde bem garoto ele inventou de andar pela América Latina, gostava de conhecer as gentes e, com elas, estabelecia vínculos de amor.

Formou-se em medicina e ainda estudante voltou a percorrer os caminhos da América do Sul. Seu coração de jovem médico era apaixonado por essa América profunda, pelos trabalhadores, pelos empobrecidos. Ele não queria que a realidade fosse assim, tão dura, com os trabalhadores. E foi esse amor pela sua gente latino-americana que o levou a ser um soldado da revolução cubana. Com seus companheiros cubanos ele empunhou o fuzil para derrubar uma ditadura, mas também cuidou dos caídos, dos doentes, dos feridos. Médico e soldado, coração e razão, sempre andando junto.

Quando a revolução foi vitoriosa ele acabou sendo Ministro da Indústria e Comércio. Mas, seu trabalho nunca foi só de gabinete. Ele andava pela ilha, vendo as coisas com os próprios olhos, trabalhando junto com os trabalhadores no corte da cana, no carregamento dos grãos. Vivia como pensava. Ele acreditava que um homem e uma mulher revolucionários precisavam ser perfeitos, éticos, pautados pelo bem comum. Ele dizia: “temos de ser o melhor marido, o melhor filho, o melhor pai, o melhor estudante, o melhor trabalhador, o melhor tudo. Temos de ser perfeitos, para ser exemplo. Tudo aquilo que formulamos como moral para o outro, temos de ser”. A palavra para ele não era coisa vã. Era a escritura de uma ação concreta na vida.

Tanto que não conseguiu aquietar-se num cargo de ministro da recém liberta nação cubana. Aquela gente sofrida da América que ele conhecera nas suas andanças continuava amargando dores, misérias e

exploração. Então, para ele não podia haver acomodação na vitória. Seu desejo era voltar e iniciar uma revolução na parte sul do continente. Mas, naqueles dias, outros povos clamavam por libertação. Eram as gentes do continente africano que começavam suas lutas de independência das colônias europeias e do racismo fomentado por elas. Che não pensou duas vezes. Largou a pasta de ministro e foi se fazer soldado de novo. Ele era movido por profundos sentimentos de amor. “Enquanto houver um irmão injustiçado, somos companheiros”, era seu lema. Como poderia descansar se outros companheiros e companheiras estavam em luta. E lá se foi para o Congo e Angola, batalhando contra o apartheid e o colonialismo.

Na volta da África, de novo, seu coração decidiu por fazer valer a ética que o caracterizava: o amor pelo outro, pelo caído, pela vítima do sistema capitalista, pelo que se levantava em rebelião. E, mais uma vez recusou cargos ou honrarias. Não haveria de descansar enquanto toda a América Latina não avançasse para um tempo de justiça. Foi quando viajou para a Bolívia, onde iria combater outra ditadura. Lá, por conta das diferentes condições históricas e erros de estratégia, foi capturado. Um dia depois, assassinado friamente por um soldado boliviano, mas a mando de agentes estadunidenses que foram chamados para documentar a morte do revolucionário. Não contentes em executar o então prisioneiro, desarmado e indefeso, os agentes lhe cortaram as mãos. Um toque de sadismo. Era preciso tripudiar do homem que ousara sair do comodismo de uma boa vida de médico burguês, e abraçar a causa dos trabalhadores, dos oprimidos.

A última imagem que temos do Che é a de um homem morto, deitado numa mesa fria, com os olhos bem abertos, mirando o infinito. Nem na morte os seus carrascos conseguiram apagar a luz que emanava do seu ser.

Obedecendo aos preceitos éticos que pregava, el Che foi o homem perfeito. Amou as mulheres, amou seus filhos, amou Cuba, amou o conhecimento, amou os cubanos, amou os africanos, amou os latino-americanos, e por conta desse amor incondicional entregou sua vida. Ele curou vidas, produziu teoria, dirigiu uma revolução, comandou um ministério, morreu por seus ideais.

Esse é seu maior legado. Viveu o tempo todo, na prática, aquilo que apontava como teoria, como moral e como ética. Morreu de pé, olhando o inimigo no olho. Seu exemplo de ser humano é sua maior herança.

E hoje, quando lembramos os 50 anos do seu assassinato, é isso que nos conforta. Che Guevara ainda é um caminho.

Link: <http://www.iela.ufsc.br/noticia/50-anos-da-morte-de-che-guevara>

Em Foco IV

O gigantesco 'mar de lixo' no Caribe com plástico, animais mortos e até corpos

Por Lioman Lima
02/11/2017

Latas, potes, talheres de plástico, roupas velhas, seringas e até animais mortos...

Essa é a cena típica de qualquer lixeira. Mas esta não é uma lixeira qualquer.

Trata-se de uma ilha de lixo que flutua no Mar do Caribe, entre as costas de Honduras e Guatemala, um camada de objetos descartados que periodicamente chega às praias e que, ultimamente, tornou-se uma fonte de tensão nas relações bilaterais entre os dois países.

Embora não seja um fenômeno novo, ele é desconhecido de grande parte da comunidade internacional. Até por isso, as imagens do "mar de lixo" no norte de Honduras viralizaram nas redes sociais nas últimas semanas.

A fotógrafa britânica Caroline Power publicou várias fotos que mostravam as águas próximas à ilha turística de Roatán, cobertas de uma massa de detritos de todos os tipos.

Após a publicação das fotos e a chegada do lixo flutuante em vários municípios da costa norte hondurenha, ambos os governos realizaram uma reunião para discutir possíveis soluções para o imbróglio que se estende há mais de três anos, de acordo com as autoridades locais.

Mas as conversas ficaram mais tensas em um ponto fundamental: quem é o principal responsável pelos derramamentos?

De um lado, Honduras acusa seu vizinho de causar a poluição que atinge as praias de Omoa, Puerto Cortés e as Ilhas da Baía. Do outro, a Guatemala diz que é o país vizinho que derrama o lixo que o afeta.

Após as reuniões bilaterais, o governo de Tegucigalpa deu a seu vizinho guatemalteco cinco semanas para controlar os vazamentos.

Caso contrário, dizem, eles recorrerão a organizações e tratados internacionais.

Os efeitos

Carlos Fonseca vive há 60 anos na comunidade de Travesía, no município de Puerto Cortés, no norte de Honduras, e diz que há alguns anos passou a ser rotina limpar o lixo que chega à sua casa.

"Nas estações chuvosas, limpamos logo cedo e à tarde está cheio de lixo de novo, como se não tivéssemos feito nada. São pilhas e pilhas de lixo por todos os lados", conta à BBC Mundo.

Fonseca diz que são os vizinhos que, na maioria dos casos, são encarregados de limpar o lixo que chega à praia, ante a passividade das autoridades municipais.

"É uma situação infeliz, porque é lixo, traz doenças. Não sei se é daqui ou da Guatemala, mas para a gente é um pesadelo", diz ele.

José Antonio Galdames, ministro dos Recursos Naturais e Meio Ambiente de Honduras, disse à BBC que o problema do lixo que chega ao país está se tornando "insustentável" não só para o município de Omoa, um dos mais afetados, mas também para algumas ilhas e praias que constituem alguns dos principais destinos turísticos da nação centro-americana.

Na opinião do ministro, a presença de detritos flutuantes tem um impacto negativo em quatro dimensões básicas, pois gera danos ambientais, ecológicos, econômicos e de saúde.

"As pessoas não querem ir à praia porque têm medo da contaminação. Não é bom se deitar em uma areia onde você coloca suas costas e há uma agulha embaixo, ou você entra na água e fica com medo de encontrar algo contaminado", afirma.

Ian Drysdale, engenheiro ambiental que coordena uma iniciativa para a proteção do Sistema Arrecifal Mesoamericano, garante que essa barreira de coral, a segunda maior do mundo, é uma das principais afetadas pelo lixo.

"Devido aos movimentos das correntes marinhas, isso pode ter um impacto negativo em toda a barreira, tanto na parte que pertence a Honduras quanto na que pertence à Guatemala. Eu já encontrei lixo diversas vezes na região dos recifes de coral", conta à BBC Mundo, o serviço em espanhol da BBC.

Atrás do 'culpado'

Mas de onde vem tanto lixo?

Galdames diz que por trás da poluição atual está o lixo que arrasa o rio Motagua, que atravessa a maior parte da Guatemala e desemboca em Honduras.

"A maior parte da bacia do Motagua está no lado guatemalteco. Dos 95 municípios que estão ao longo do rio, 27 estão despejando resíduos sólidos. Nós temos apenas 3 municípios que fazem fronteira com o rio. Por isso, 86% das descargas provêm deles", diz o ministro hondurenho.

Ele acrescenta que, quando as autoridades de seu ministério realizam inspeções, geralmente encontram objetos escritos "Made in Guatemala".

Mas isso, afirma, não é o pior.

"Estamos recebendo roupas, plástico, lixo hospitalar, objetos manchados com sangue, agulhas, seringas, animais e até mesmo corpos humanos", diz.

A versão do ministro indica que, na ausência de aterros na maioria dessas comunidades na Guatemala, na época de chuvas, a água drena o lixo para o rio, que o leva ao mar e depois, pelo movimento das correntes marinhas, se move para alguns municípios e ilhas de Honduras.

Rafael Maldonado, do Centro de Ação Jurídica Ambiental e Social da Guatemala, apoia essa teoria e acrescenta que, por trás dessa situação, há políticas equivocadas de sucessivos governos do país.

"A responsabilidade por este conflito do lixo é do governo guatemalteco, que durante anos evitou tomar medidas para evitar novos despejos nos rios", diz ele.

De acordo com o especialista, para evitar o investimento público milionário para criar um sistema capaz de evitar que o lixo termine nos rios, as autoridades da Guatemala adiam desde 2006 um regulamento para evitar a contaminação do Caribe.

"O que está acontecendo em Honduras é o resultado de uma má gestão ambiental na Guatemala. Honduras está recebendo o lixo de grande parte da Guatemala, incluindo a capital, que despeja seu lixo no rio Motagua e o leva para o mar. Isso acontece há anos e os governos não deram qualquer importância para não ter que fazer o investimento necessário", diz ele.

No entanto, o Ministro do Meio Ambiente da Guatemala, Sydney Alexander Samuels, considera que seu país está tomando as medidas necessárias para controlar os despejos no Caribe e garante que os rios hondurenhos são os principais responsáveis pela atual situação.

"As acusações só levam em conta a parte da Guatemala. Eles também devem considerar o que estão fazendo. Eles têm um rio lá, o Chamelecón, que é praticamente um esgoto de Puerto Cortés e San Pedro Sula. A maior parte do lixo que chegou a Roatán é de Honduras", disse ele à BBC Mundo.

Samuels sustenta que seu governo nunca recebeu informações sobre a citada descoberta de corpos humanos entre no lixo transportado pelo rio.

"Eu nunca ouvi falar de cadáveres humanos lá. Se for esse o caso, teria que ser investigado de onde eles vieram. Eu não tinha ouvido isso", diz ele.

"Sim, nós contaminamos o Mar do Caribe através do rio Motagua. Mas eu esclareço que não é só o Motagua, mas também Chamelecón e Ulúa (dois rios de Honduras), e também asseguro que no próximo ano já não estaremos transportando lixo para esse mar, pois teremos toda a infraestrutura para que isso não aconteça", afirma.

O engenheiro ambiental consultado pela BBC, por outro lado, também acredita que Honduras tem responsabilidade no atual "mar de lixo".

"Há muitas comunidades em Honduras que não tem nem sequer um caminhão para coletar o lixo. A gente despeja o lixo nos rios e mais de 80% dos rios hondurenhos fluem para o Mar do Caribe. Esse costume de culpar o outro pela sua responsabilidade é muito comum. Acho que o problema do lixo é de todos", diz ele.

Pressões e soluções

Além da disputa em torno das responsabilidades, outro tema que gera polêmica entre os dois países são as possíveis soluções para essa situação.

O ministro do Meio Ambiente de Honduras, embora não queira ignorar o trabalho do país vizinho para conter o despejo, questiona que as propostas da Guatemala estão orientadas "a médio e longo prazo".

"Eles estão falando sobre as soluções que entrarão em vigor em 2018. Mas nós pedimos para que eles tomem medidas imediatas: limpar os rios, limpar as praias, parar de jogar o lixo nos rios e fechar os despejos clandestinos. E que estabeleçam um sistema de alerta precoce para que possamos estar preparados para saber que o lixo chegará", diz ele.

"Não estamos à procura de problemas, não estamos à procura de ações judiciais. Estamos procurando responsabilidades comuns, mas diferenciadas, esse é o princípio. Se você tiver responsabilidade em 86% dessa bacia, deve ser sua responsabilidade procurar uma solução", acrescenta.

Galdames afirma que, se ele não receber uma resposta positiva até o final de novembro, seu país tomará medidas antes das organizações internacionais.

"Se eles não fizerem nada em cinco semanas, nos reservamos o direito de proceder de acordo com o estabelecido nos acordos internacionais que existem em águas marítimas, áreas de fronteira compartilhada e todos os acordos internacionais relacionados à proteção da diversidade biológica", diz.

Mas do lado guatemalteco, medidas imediatas não são contempladas.

"Eu acredito que não há moral aqui para estar falando sobre isso que eles vão processar a Guatemala ou que eles querem compensação, como eles tentaram mencionar, porque eu acredito que os rios deles são os que estão despejando. Nós já estamos agindo e vamos resolver esse problema até agosto do ano que vem. Não sei o que Honduras está fazendo. Honduras não está fazendo absolutamente nada", disse o ministro Samuels.

"Com que moral eles vêm nos dizer que querem medidas de curto prazo. O que eles querem? Concretamente, não há respostas. O curto prazo é agosto de 2018. Eles não têm nada, nem curto, nem médio, nem longo ou qualquer coisa. Essa é a questão que precisa ser esclarecida", acrescenta.

Mas enquanto o fim da disputa sobre o despejo de lixo entre os dois países ainda é incerto e se contemplam soluções a nível governamental, um rio silencioso de lixo flutuante continua a chegar às praias de Honduras.

"Agora, chegou uma frente fria e isso vai trazer mais chuva. E sabemos que quando chove a praia fica cheia de lixo. É assim há anos", diz Carlos Fonseca, da comunidade de Travesía.

Link: <http://www.bbc.com/portuguese/internacional-41853621>

Em Foco V

Peruanos protestam contra perdão a Fujimori

Por Diário Liberdade

26/12/2017

Milhares de peruanos saíram às ruas das principais cidades do país nesta segunda-feira (25) contra o "indulto humanitário" concedido pelo presidente do Peru, Pedro Pablo Kuczynski (PPK), na véspera do Natal, a Alberto Fujimori, que governou o país entre 1990 e 2000.

Em Lima, capital do país, pelo menos 5 mil pessoas protestaram contra a libertação. Os manifestantes, entre os quais familiares das pessoas assassinadas pelas forças do governo quando Fujimori estava no poder, denunciaram o indulto como um ato de impunidade. PPK foi chamado de "traidor" e "cúmplice do criminoso".

Fujimori, de 79 anos, cumpria uma pena de 25 anos de prisão por violações aos direitos humanos e corrupção. Ele havia sido hospitalizado no sábado (23) em uma clínica local, com diagnóstico de hipotensão e arritmia cardíaca.

Além dos protestos de rua, a decisão pelo indulto abriu nova crise no governo de PPK, que havia conseguido superar um processo de impeachment contra ele, baseado em acusações de corrupção envolvendo a Odebrecht. Analistas apontam que o perdão a Fujimori fez parte das costuras políticas que evitou a derrubada do atual governo.

Ainda durante o dia de Natal, pelo menos quatro deputados da base do governo renunciaram. Minutos após à decisão, o porta-voz do partido governista, Vicente Zaballos, também havia abandonado o cargo. O diretor executivo para a América da Human Rights Watch, José Miguel Vivanco, qualifica a libertação de Alberto Fujimori como uma "vulgar negociação política".

Link: <https://gz.diarioliberalidade.org/america-latina/item/214496-peruanos-protestam-contra-perdao-a-fujimori.html>

Espaço Aberto I

O estigma da “criminalização do pobre”: o punitivismo como discurso midiático contra a periferia e a militarização das Favelas na cidade do Rio de Janeiro

Tiago Henrique Crispim Salvador¹

A partir do material de coleta de dado de jornais impressos e digitais (sobre a letalidade policial contra as “juventudes” nas favelas), percebe-se que a criminalização da questão social tem sido lugar comum na gestão das Políticas Públicas, tendo em vista que essa prática genocida por parte do poder estatal através de seus agentes nunca foi uma medida excepcional para lidar com as Favelas. Apoiado nessas fontes (variadas notícias de jornais coletadas desde o mês de Janeiro até Agosto de 2017) observa-se a institucionalização da punição de que o poder público utiliza-se para controlar a Pobreza.

Com o objetivo de elucidar a problemática mencionada acima, colocaremos em questão o posicionamento midiático acerca da criminalização e do controle do pobre. Tendo em vista o caráter político do extermínio, que tem como objetivo a contenção de um contingente social que tem nome, classe e cor socialmente definidos: o jovem negro das periferias brasileiras. Respaldados pelo poder midiático, os agentes estatais conseguem legitimidade para oficializarem essas mortes, principalmente pela construção social do medo. Uma simples manifestação de moradores que denunciem massacres policiais que vitimam pessoas radicadas em áreas de favelas, logo é apresentada pelos jornais como “vandalismo”, “desordem” e seus territórios estigmatizados como “faixa de Gaza”, fazendo alusão ao caráter belicoso e destrutivo desses territórios, incidindo os moradores ali residentes como os protagonistas da “barbárie”, justificando a criminalização e suscitando novos estigmas a essas pessoas, fortalecendo, com isso, os dispositivos institucionais que acionem uma postura de enfrentamento anunciado contra esses jovens.

No primeiro semestre, de acordo com alguns dados, evidenciou-se o questionamento feito pela sociedade civil sobre as Unidades de Polícia Pacificadoras (UPP's). Fica claro que o objetivo de retomada do território por parte dessa medida (constitutiva da política de segurança pública adotada nos últimos anos) mostrou-se falho, fazendo com que o Estado fortalecesse seu aparato repressivo contra a juventude desses territórios. Devido a todo o clima de calamidade econômica, política e social agravado pelo PMDB e seus gestores executivos legou ao Estado do Rio de Janeiro, poder-se-ia dizer que se evidenciou o sucateamento das UPPs, porém isso não significou a ausência do poder estatal nessas Favelas.

¹ Graduado em História pela UNESA (Licenciatura plena, 2013); graduando em Ciências Sociais pela UERJ; mestrando em Ciências Sociais pelo PPCIS- UERJ; Bolsista EIC do Programa de Estudos de América Latina e Caribe (PROEALC). Contato: tiagocrispimsalvador@gmail.com

Tendo em vista tal desmantelamento dessa Política Pública genocida do Estado (no caso as UPPS), as novas pautas que gerem essas políticas, assumiram no Rio de Janeiro um aspecto mais conservador, acionando-se a participação da Força Nacional, tendo como contrapartida uma maior militarização da cidade e dos territórios estigmatizados, no caso as Favelas. Esta medida serve para mostrar que o poder oficial possui o protagonismo de gestão desses espaços, utilizando-se da mídia como um aparato de reforço ideológico, fazendo com que a sociedade civil reproduza e reconheça como legítima a punição e o extermínio.

Observando o material disponível, e acompanhando os discursos midiáticos, tendo em vista o foco da linha de pesquisa QUESTÃO SOCIAL NO BRASIL NO SÉCULO XX E XXI, fica evidenciada a medida de controle que o Estado tem contra o pobre. Essa criminalização funciona através da lógica militarizada da punição. A militarização das favelas é o objetivo central de tais políticas públicas, seja através das UPP's, dos "autos de resistência", da utilização da força nacional para controlar a cidade, dentre outros mecanismos de repressão utilizados pelo Estado contra os segmentos sociais que tem acesso desigual à cidade, inclusive o Direito à vida, já que as populações das favelas são colocadas como matáveis. Ao olharmos todos os meios de controle que a política de segurança Pública, a lógica não é inserir as classes desfavorecidas, e sim puni-las, controlá-las e exterminá-las. Como é o caso da presença da Força Nacional e Exército na Favela do Jacarezinho no mês de Agosto de 2017 e todas as medidas arbitrárias adotadas anteriormente (não podemos dizer exceção, pois tais posicionamentos por parte desses agentes se dirigem a um grupo social específico, geralmente ao pobre e negro, criminalizando secularmente tais segmentos sociais).

Tendo em vista a legitimidade que a mídia confere a essas ações policiais nas periferias, podemos ressaltar a primazia desses veículos impressos como um dos componentes hegemônicos que fazem das Políticas Públicas um repertório central na resolução dos conflitos sociais, como por exemplo, responsabilizar as Favelas pelos altos índices de violência Urbana, criando uma retórica que as constrói como produtoras dos males que assolam a cidade, elegendo o pobre como o inimigo a ser controlado e combatido, já que nesta visão é essa juventude que promove a desordem e o terror.

Ao longo da História da nossa Sociedade é perceptível que o pobre sempre foi encarado como um perigo, como ameaça ao *status quo* estabelecido, isso desde os remotos tempos do Brasil colonial; podemos perceber que o nosso atual contexto traz o legado do nosso passado escravocrata, desde o período colonial, onde os capitães do mato, e mais tarde no período Imperial a Guarda Nacional, instrumentalizaram essa violência contra o pobre que foi desapropriado dos seus meios básicos de sobrevivência. Pode-se dizer que esta política voltou-se majoritariamente contra o negro. O escravo, com a abolição não adquiriu o direito à cidadania, nem nos seus princípios mais básicos dos termos dos Direitos Civis; de acordo com Florestan Fernandes em seu clássico "A integração do negro na sociedade de classes", o negro não havia sido integrado à sociedade brasileira, condição perceptível quando observamos a sua inserção no mercado como força de trabalho. Não surpreende a naturalização que é feita a respeito da tortura à qual estão submetidos os territórios das favelas, por isso tendências políticas contra hegemônicas ao poder midiático hegemônico e monopolista seriam um caminho para a discussão da implementação de iniciativas que desconstruam esse legado autoritarista da nossa herança cultural.

De acordo com os dados coletados de Abril de 2016 até setembro de 2017, para o laboratório do Programa de Estudos sobre América Latina e Caribe (Proealc), observamos que no município do Rio de Janeiro estão 37 das 38 UPPS, totalizando um contingente populacional de 711.699 pessoas cerceadas pelo poder público. Destacamos as UPP's em áreas onde notamos midiaticamente a produção do discurso de gestão do espaço através do controle das juventudes ali residentes, retórica esta sempre corroborada pela mídia que espetaculariza e teatraliza o genocídio institucional que essas pessoas sofrem no seu cotidiano, criminalizando-as através de seus diversos aparelhos privados de hegemonia, como por exemplo, a televisão, onde em novelas, se tornou padrão a segurança pública ser pauta (de Salve Jorge a A Força do querer, ambas da dramaturgia Glória Perez), reforçando a ideia que a única solução para os conflitos sociais, dá-se pela política do enfrentamento às favelas. Tal premissa fica explicitada em cenas da novela A Força do querer, onde a autora faz uma homenagem às vítimas, no caso os 107 policiais mortos até setembro só na cidade do Rio de Janeiro, porém em suas tramas, não se preocupa em problematizar o número de civis mortos nas favelas a cada investida policial, tampouco a prática de chacinas contra essa população, ou seja, subtende-se que através dessa dramaturgia, difunde-se um discurso no qual a "Pacificação" leva a ordem para a favela e paz à cidade, ou seja, fica evidente o recado que tais obras pretendem difundir.

A partir das notícias que destacamos dos dados mensais do Proealc, explicitaremos o mapa das áreas com as UPP's para mostrar que o objetivo da Política de Segurança Pública, e da consequente escolha de

modelo de “choque de ordem” no Rio de Janeiro, tem reduzido-se a um processo de militarização das Favelas. O que é central nessas medidas é o controle das ditas periferias, o capitalismo periférico e flexibilizado em sua nova dinâmica estrutural guia-se na política de controle das classes sociais desfavorecidas, logo, a punição vira a regra como forma de controle social.

Podemos também destacar a edição do programa semanal da Rede Globo de televisão, o “Fantástico”, do dia 29 de Outubro, com vinte minutos de matéria jornalística chamando atenção a respeito da morte de 107 policiais só no ano de 2017 no Rio de Janeiro; no entanto, ao abordar o mapa da violência no país, inclusive os crimes contra a população das periferias, foi mencionada a cidade do Amapá como sendo uma das regiões com o maior número de letalidade contra o pobre, porém sem problematizar o contexto que produz e transforma essa categoria em um segmento “matável”, e sem enfatizar as condições sociais que tornam inacessível o Direito de justiça social como mediação dos conflitos estabelecidos. O que demonstra que o objetivo é eleger a militarização dos conflitos sociais enquanto via de regra; não há uma preocupação em diminuir as distâncias sociais, estas são, antes, naturalizadas.

De acordo com o que fora citado no parágrafo acima, essa mesma iniciativa ocorreu semanas antes em uma telenovela da mesma emissora, o que nos mostra o caráter ideológico presente na abordagem, o sensacionalismo que muito mais que audiência, demanda dos telespectadores uma tomada de posicionamento que legitime um ponto de vista conservador em relação à problemática da violência. O discurso aparece pronto e moldado pelos aparelhos midiáticos, não sendo permeado por problematizações, sendo antes indutivos de opiniões conclusivas que indicam que a saída para a resolução dos conflitos sociais, nesse caso, da violência nas cidades, seria o controle das classes sociais vistas como perigosas.

Podemos concluir que as políticas de segurança Pública adotadas não deram conta de deslegitimar o pensamento social punitivista, tendo em vista que a mídia que incorpora politicamente o vocabulário do extermínio poder-se-ia dizer que esta alternativa política se contrapõe a resoluções democráticas; com viés de corte classista, não contextualizando as estruturas que consolidam esse sistema de desigualdades. A questão social não tem sido elaborada como questão política, pois notamos que a centralização da segurança pública não está voltada à consolidação da democracia e da cidadania, mas sim ao controle de segmentos de classe que historicamente sempre tiveram suas demandas silenciadas e, de maneira direta ou indireta, vem sendo exterminadas com o aval das elites.

Referências

- Direitos Humanos para quem? Contextos, contradições e consensos/ organização Silene de Moraes Freire- 1. Ed. Rio de Janeiro: Gramma, 2014.
- BATISTA, Vera Malaguti. A Juventude popular e o direito de ir e vir. Revista Brasileira de Ciências Criminais, v. 22, p. 283-294, 2014.
- BATISTA, Vera Malaguti. O Alemão é muito mais complexo. Revista Justiça e Sistema Criminal, v. 3, p. 103-125, 2011.
- BATISTA, Vera Malaguti. A criminalização da juventude popular no Brasil: histórias e memórias de luta na cidade do Rio de Janeiro. BIS. Boletim do Instituto de Saúde (Impresso), v. 44, p. 19-22, 2008.
- CHAUÍ, M. S. Simulacro do Poder: uma análise da Mídia. 2 ed. São Paulo Perseu Abramo, 2010, 142 p.
- FACINA, Adriana. Moralizar os pobres. Folha de S. Paulo, São Paulo, 10 maio 2015.

Agenda Acadêmica

6º. Encontro Internacional de Política Social e 13º. Encontro Nacional de Política Social - ENPS

Data: 04/06 a 07/06/2018

Local: Universidade Federal do Espírito Santo (Vitória/ES).

Link: <http://enps.com.br/login>

“O 6º Encontro Internacional de Política Social e o 13º Encontro Nacional de Política Social será realizado entre os dias 04 e 07 de junho de 2018, na **Universidade Federal do Espírito Santo**

(Vitória/ES). O evento é promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Política Social (PPGPS), vinculado ao Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas (CCJE) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

O tema central desta edição é "DUZENTOS ANOS DEPOIS: A ATUALIDADE DE KARL MARX PARA PENSAR A CRISE DO CAPITALISMO".

A crise estrutural do capitalismo mundial desde o final dos anos 60 do século XX tem agudizado em todas as suas dimensões a contradição capital-trabalho. O ajuste do padrão de acumulação, observado na crise de 2007-2008, é uma expressão da vigência da análise de Marx e sua compreensão da crise como um fenômeno congênito da reprodução capitalista. Associado a esta crise se assiste a um agravamento dos problemas sociais globais, como síntese do político, econômico, ambiental, migratório, etc. O desafio do 6º EIPS e 13º ENPS é tomar o arcabouço teórico do pensador, nascido há duzentos anos, para refletir e interpretar as particularidades do capitalismo no século XXI, a crise do capital e a transformação social, temas urgentes para profissionais e pesquisadores do Serviço Social e das Ciências Sociais em geral".

Conferência Mundial de Serviço Social 2018

Data: 04/07 a 07/07/2018

Local: Dublin - Irlanda.

Link: <http://www.swsd2018.org/>

<http://www.cfess.org.br/visualizar/eventos-atual>

"O tema da conferência em 2018 refere-se ao terceiro princípio da Agenda Global de Serviço Social e Desenvolvimento Social (documento construído pela Fits): "Sustentabilidade Ambiental e Comunitária: Soluções Humanas em Sociedades em Desenvolvimento". Quem quiser tirar dúvidas e saber mais pode escrever para o email: swsd2018@mci-group.com, acessar os perfis oficiais do evento no Twitter (@SWSD2018) ou no Facebook ([facebook.com/swsd2018](https://www.facebook.com/swsd2018))".

56 Congresso Internacional de Americanistas (ICA) - Salamanca 2018

Data: 15/07 a 20/07/2018

Local: Salamanca, Espanha.

Link: <http://ica2018.es/inicio/>

Bajo el lema «Universalidad y particularismo en las Américas», esta edición del ICA llama a la reflexión sobre la dialéctica entre la universalidad y los particularismos en la producción de conocimiento, un diálogo en el que la necesidad de conocer los particularismos de los fenómenos sociales, políticos, artísticos y culturales obliga a formular nuevas hipótesis que enriquecen y replantean las grandes teorías generales de las ciencias y las humanidades.

El carácter interdisciplinario e inclusivo que ha caracterizado al ICA desde su inicio en 1875, como un congreso de estudios de área en sentido completo, hace aún más significativa esa dinámica de producción de conocimiento. Con un planteamiento interdisciplinario e inclusivo, ICA reúne a investigadores que estudian el continente americano, desde Alaska hasta Tierra de Fuego, incluyendo el territorio del Caribe, a partir del análisis de su política, economía, cultural, lenguas, historia y prehistoria. Así, el Comité Organizador les invita a presentar sus propuestas y participar en el análisis y la reflexión sobre las especificidades de las Américas y el Caribe con el objetivo de enriquecer las grandes teorías generales.

XXII Seminário Latino-americano de Escolas de Serviço Social - XXII SEMINARIO LATINOAMERICANO DE ESCUELAS TRABAJO SOCIAL - ALAEITS

Data: 24/09 a 27/09/2018

Local: Bogotá - Colômbia.

Link: http://www.abepss.org.br/arquivos/anexos/convocatoria_slets_2018-201710061936373958040.pdf

"La Asociación Latinoamericana de Enseñanza e Investigación en Trabajo Social (ALAEITS), propone articular la enseñanza e investigación, congregando profesores, investigadores y estudiantes de Trabajo Social a nivel continental. Tiene por finalidad proponer lineamientos académicos que tengan incidencia en la formación profesional, en la producción del conocimiento y en el fortalecimiento de las luchas sociales en América Latina

y el Caribe. Desde 1965 desarrolla los Seminarios latinoamericanos en diversos países de la región, los cuales se constituyen el espacio histórico para el debate e intercambio académico de las y los trabajadores sociales, así mismo para valorar los avances y problemas de la profesión e identificar nuevos desafíos y oportunidades respecto a los lineamientos político-académicos que propone la organización. En esta oportunidad la ALEITS se une al Consejo Nacional para la Educación en Trabajo Social de Colombia (CONETS), al Consejo Nacional de Trabajo Social y a la Federación Colombiana de Trabajadores Sociales (FECTS), para celebrar el XXII Seminario Latinoamericano de Escuelas de Trabajo Social. En esta ocasión, el Seminario asumirá como objetivo general, el desafío histórico de analizar el lugar de los proyectos profesionales, académicos y de investigación en el Trabajo Social que se desarrollan hoy en América Latina y el Caribe”.

Lançamentos

BENSAÏD, Daniel; LÖWY, Michel. Centelhas: marxismo e revolução no século XXI. São Paulo, Boitempo, 2017.

Sinopse:

O livro *Centelhas: marxismo e revolução no século XXI*, de Daniel Bensaïd e Michael Löwy, consiste em uma coletânea de artigos sobre problemas do marxismo, da luta socialista e da política contemporânea. Guiados pelo conceito de história formulado por Walter Benjamin, o livro reúne textos que abrangem o período que vai do fortalecimento da onda neoliberal até a crise de 2008 e seus primeiros desdobramentos.

Dividido em dois blocos, Comunismos heréticos: de Blanqui e Marx a Walter Benjamin e Debates contemporâneos: tecendo o fio vermelho nas lutas atuais, os 18 artigos rompem com as leituras positivistas e evolucionistas do marxismo, pontuando a aversão irreconciliável ao capitalismo e sua modernidade predatória, a rejeição da pequena política miserável em favor da política laica, e abdicando da visão economicista da história predominante nas esquerdas – concebida nesse meio, como uma trajetória ascendente de progresso, alimentada pelo desenvolvimento das forças produtivas.

SANTOS, Judith Elaine dos; KOLLING, Edgar Jorge (Org.). Fidel e a revolução. São Paulo, Expressão Popular, 2017.

Sinopse:

A editora Expressão Popular apresenta a obra *Fidel e a revolução*. Coletivamente concebida, esta publicação, que traz em suas páginas palavras de Fidel Castro e seu legado, tem três grandes objetivos. O primeiro é apresentar a Revolução Cubana e o papel dirigente de Fidel Castro. Ao compreender a formação de um país dependente, escravocrata e colonizado, Fidel manteve a tradição das lutas populares desde a independência, apropriou-se da contribuição teórico-política de José Martí, liderando o povo ao triunfo da revolução. Este curto período histórico – da derrota do quartel Moncada em 1953 até a chegada em Havana em 8 de janeiro de 1959 – condensa os principais elementos da estratégia, das táticas e do desenvolvimento das diferentes formas de luta, predominando a luta armada. Cuba conquista sua soberania nacional. O segundo é compreender o que efetivamente é um processo revolucionário em todo seu conteúdo e suas variáveis. Da necessária e determinante base teórica do marxismo e tática da guerra de guerrilhas até a definição do que transforma uma luta vitoriosa pela soberania em uma luta de caráter socialista, que altera em profundidade todas as relações sociais, políticas, econômicas, culturais, éticas... Afinal, o que é uma revolução? E o que é uma revolução de caráter socialista? O terceiro objetivo diz respeito ao aprendizado que este acontecimento histórico representa para todas as lutas em desenvolvimento nos países do então chamado “Terceiro Mundo”, particularmente as lutas pela independência na África, e de modo particular para toda a América Latina. Como pode uma revolução triunfar e seguir resistindo até hoje em enfrentamento permanente com o imperialismo e desenvolvendo o internacionalismo que o caracteriza desde seu nascimento? Fica o desafio de aprofundar o estudo sobre o legado de Fidel e o conteúdo da revolução cubana. E que todos e todas possamos vivenciar, cotidianamente, o que o povo cubano já nos ensinou: “Yo Soy Fidel!”.

CAMPOS, Pedro Henrique Pedreira; BRANDÃO, Rafael Vaz da Motta (Org.). Os donos do capital: a trajetória das principais famílias empresariais do capitalismo brasileiro. Rio de Janeiro, Autografia, 2017.

Sinopse:

A obra *Os donos do capital: a trajetória das principais famílias empresariais do capitalismo brasileiro*, organizada por Pedro Campos e Rafael Brandão, é dedicada ao exame da história dos principais grupos familiares do capitalismo no país. Trata-se de uma coletânea de dez artigos escritos por diferentes autores a respeito de alguns dos principais grupos familiares do capitalismo no país: a família Mauá, os Guinle, os Gerdau, os Lafer e os Klabin, os Johannpeter Gerdau, os Marinho, o caso de Valentim Bouças, a família Sarney, os Moreira Salles, Setúbal e Villela, além dos Odebrecht, Camargo e Andrade. Escritos por dez especialistas sobre esses diferentes grupos familiares, o livro acaba por trazer elementos importantes da formação histórica do capitalismo no país e da formação da classe dominante brasileira. Dessa forma, a obra pretende contribuir com os estudos e o conhecimento sobre a formação e o caráter do empresariado brasileiro, tendo em vista suas peculiaridades históricas e suas semelhanças e diferenças com as burguesias de outros países.

Expediente

Reitor

Prof. Ruy Garcia Marques

Vice-reitora

Prof^a. Georgina Muniz

Sub-reitora de Graduação

Prof^a Tania Maria de Castro Carvalho Netto

Sub-reitor de Pós-graduação e Pesquisa

Prof^o Egberto Gaspar de Moura

Sub-reitora de Extensão e Cultura

Prof^a Elaine Ferreira Torres

Diretor do Centro de Ciências Sociais

Prof^o Domenico Mandarino

Coordenadora do PROEALC

Prof^a Silene de Moraes Freire

Editoras Responsáveis

Prof^a Dra. Silene de Moraes Freire

Dra. Larissa Costa Murad

Coordenação de Produção

Arthur Montilho Araújo Batalha

(PROEALC/CCS/UERJ)

Diagramação

Ana L. B. da Silva (ISERJ/FAETEC)

Revisão

Os textos publicados são de responsabilidade dos autores.